



No mar do Norte: Um navio mercante ameaçado por um «Zepeliin»

2.^a série — N.º 484

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 31 de Maio de 1915

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLÓNIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Trimestre..... 1820 ctv.
Semestre..... 2840 »
Ano..... 4880 »

Agencia da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA em Paris,
Rue des Capucines, 8

Redação, administração, officinas de composição e impressão
RUA DO SÉCULO, 43

Numero avulso, 10 centavos

DESENVOLVEI E FORTALECEI O VOSSO PEITO

com o meu método simples EXCLUSIVAMENTE externo empregado com muito exito por milhares de senhoras do mundo inteiro

Doutores em medicina muito conhecidos reconhecem os maravilhosos efeitos e o encomendam aos seus clientes

A doença, o cansaço, bem como as consequências da maternidade foram a causa da debilidade do meu peito, dos meus hombros osseos e dos sulcos profundos que faziam o meu desespero. Estas graças fisicas não feriram



Um peito traxinado antes do tratamento

Desde que foi descoberto o meu metodo tem dado a milhares de senhoras resultados notaveis n'um prazo de



Um peito desenvolvido depois do meu metodo

o tempo o meu orgulo de mulher, mas entristeciam ou té me arrebatavam todos os prazeres a vida. Estava privada dos olhares de admiração, aos que todos as mulheres são sempre tão sensiveis, mas o peor era que até a minha situação social se resentia d'uma maneira desagradavel. As mais elegantes toilettes, trazidas por mim perdiam o seu valor. Experimentava uma grande pezo e uma inveja secreta quando via na rua, no teatro, nos salões, muitas mulheres menos bem visidas e com tudo mais admiradas por causa da beleza das suas linhas graciosas e da redondeza e firmeza dos seus peitos.

Para remediar esta situação, experimentei todos os meios existentes e até segui os conselhos de varios especialistas sem nenhum exito. Os unicos resultados obtidos foram muito dinheiro perdido.

Não quero dizer aqui o que tenho sofrido, mas eu tinha a minha ideia, meu fim, e nada me desanimou para alcançalo. Depois de mezes de Investigações, acabei por descobrir um metodo que experimentei primeiro em mim mesma e que me deu resultados maravilhosos. Animada des então pelo exito cada vez maior do meu EXUBER BUST DEVELOPER, desejo que toda a pessoa pouco favorecida pela natureza faça um ensaio leal.

toros entre os queves poder e car os d.s. GEGGALDI, DUCHE e TRIFONNOF, recomendam e p'screvem o meu metodo aos seus clientes reconhecendo os bons efeitos. Teria muito gosto em dar conselhos gratis e discretos a toda a mulher e jovem que deseje ter um peito desenvolvido e firme. Um tratamento de 2 a 3 semanas, requerendo sómente alguns minutos diarios, pode dar ao busto debilitado ou ausente o desenvolvimento e a firmeza desejaveis. O meu tratamto não é exclusivamente externo. Nada de pilulas, comprimidos, selos, etc. Se sustento que o meu metodo, que descobri graças a um caso afortunado, é eficaz e infalivel, não é para glorificar-me com ele, mas com o unico fim de dar a conhecer um tratamento racional e higienico a's pessoas que tem empregado inutilmente todos os remedios e que com o meu EXUBER BUST DEVELOPER ficaram maravilhadas dos resultados.

Envio gratuitamente a toda a leitora da *Illustração Portuguesa*, que me mande recortado o coupon que vai no fim d'este anuncio, com o nome e endereço, o meio de dar ao busto o desenvolvimento e firmeza desejaveis.

ATESTADOS

M. ^{ma} Sr. ^a J. B. de G., Lisboa	Rua da Alfindega	desenvolveu o seu busto de 19 cent. em 22 dias
B. D.	Rua Anzer	24 27
A. V. de G.	Avenida da Liberdade	28 26
M. D.	Rua do Corpo Santo	25 30
O. R.	Rua dos Douzadores	21 24
M. M. de R. Porto	Rua Intendente Henrique	16 29
P. J.	Rua da Bebeira	24 18
R. B.	Rua Cândido Reis	24 35
S. A. de S., Funchal		20 29
D. C.	Coimbra	21 26
C. V.	Lisboa	Rua Vasco da Gama, tem o seu busto 19 cent. em 24 dias
D. J.	Pr. Luiz de Camões	24
R. M. de T.	Rua do Arsenal	26
S. E.	Rua da Prata	22
P. F. de S.	Rua do Paço da Terceira	26
L. de R. Porto	Rua de S. Domingos	26
F. V. de O.	Pr. Carlos Alberto	37
J. C.	Pr. da Liberdade	30
H. M. de S., Condeixa-a-Nova		23
O. T.	Coimbra	21 21

Talão gratis para o desenvolvimento e endurecimento dos seios

As cartas devem ser franqueadas e acompanhadas de 3 centavos e endereçadas a Helene Duray, 674 F., H. rue de Miromesnil, Paris.—Jun'ar um selo de 3 centavos a mais para a resposta.

Nome _____ Endereço _____

A JOVEM MAGNETIZADORA

Como Ela obriga aos demais a obedecerem á sua vontade

Cem mil exemplares d'este celebre livro (descrivendo as extraordinarias Forças Psychologicas) para serem distribuidos gratuitamente pelo correio aos leitores da "Illustração Portuguesa"

"O maravilhoso poder de influencia propria, o magnetismo, a fascinação, a subjugação do e pito- qê-her, o nome que quer, pode seguramente ser adquirido por todos, mesmo pelos intellectos e pelos antipathicos," segundo diz o Senr. Elmer E. Ellsworth Knowles, autor do livro intitulado "A Chave do Desenvolvimento das Forças Ocultas".

O livro expõe claramente factos assombrosos a respeito dos costumes dos Vog Orientales, e descreve o sistema simples, porém eficaz, de subjugar os pensamentos e os actos dos outros; o modo pelo qual se pode vencer o amor e a amizade d'aquelles que por outro modo permaneciam indifferentes; como rapidamente e acertadamente julgar o caracter e a paixao dominante de cada individuo; como curar as molestias e costumes os mais rebeldes sem a necessidade de recorrer ao emprego de drogas e medicamentos quasi-quer achá-se até explorado o as-uto com- plicado sobre a transmissão do pensamento (telepathia). A Senhorita Josephine Davis, a actriz predilecta, cujo retrato aqui reproduzimos, as é vera-nos que o livro do professor Knowles oferece successo, saúde e felicidade a cada alma viva, seja qual for a sua p'ofissão. Ela crê que o Professor Knowle já descobriu principios os qua s, universalmente adoptados, mudarão por completo o regimen mental da raza humana.



O livro que está sendo distribuido gratis por toda a parte, está repleto de reproduções fotograficas mostrando como estas forças occultas estão sendo empregadas pelo mundo inteiro e como milhares e milhares de pessoas tem desenvolvido poderes que eles nem sequer sonhavam possuir. A distribuição gratis dos 100.000 exemplares está sendo feita por uma grande instituição London, e será enviado gratis um exemplar a qualquer pessoa a quem isso interessar. Não se pede dinheiro algum; porém os que desejarem cobrar a verba de porte podem enviar selos postaes no valor de 5 centavos. Todos os pedidos deste livro devem ser dirigidos ao «National Institut» de Serenities, Free Distribution Dept 3507 N. E. 28, Westmint'ry, Bridge Road, London, S. E., Inglaterra. E será apenas pedir um exemplar da «The K y to the Development of the Inner Forces» mencio anão «Illustração Portuguesa».

M OZAICOS — AZULEJOS
— CAL HYDRAULICA
CIMENTO AGUIA ROCHEDO
— GOARMON & C. —

Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 2
TELEPHONE 1244 — LISBOA

POLICIA PARTICULAR

INSTITUTO especial para informações, investigações e vigilância de pessoas. RUA DO REGEDOR (ao Caldas) 9, 1.º C. — LISBOA.

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Italia

A Italia bate-se. Contra quem? Contra as suas aliadas da «Triplice». Porquê? Por que o exigiu o povo italiano em nome dos interesses nacionaes. Parece á primeira vista difficil encontrar uma impecavel logica nas varias e successivas atitudes do gabinete de Roma perante a conflagração europeia. Com effeito, a Italia era aliada da Austria e da Alemanha até 1920. Que lhe cumpria fazer quando reventou a guerra? Bater-se ao lado da Alemanha e da Austria. Que fez? Declarou-se neutral. Durante essa neutralidade de nove mezes, que agravos recebeu a Italia do gabinete de Vienna? Nenhum. Pelo contrario: a Austria estava pronta a fazer-lhe cessões de territorio. Como correspondeu a Italia neutral ás boas disposições da Austria? Declarando-lhe a guerra. Devia combater ao lado d'ela pela força dos tratados; está combatendo contra ella pela vontade do povo. Falta a logica politica



a semelhante attitude? Talvez. Mas sobra-lhe a logica nacional. Os tratados são a obra das chancelarias; a guerra é a obra dos povos. O que se passa na Italia prova apenas que o povo italiano, rasgando com a ponta das baionetas o tratado da «Triplice», não está d'acordo com a chancelaria que o negociou.

João de Barros

O poeta admiravel do «Anteu» foi nomeado secretario geral do Ministerio da Instrução. Esta nomeação não representa apenas o reconhecimento das faculdades eminentes de João de Barros, como pedagogo e como creador de beleza; tem, para os homens de letras portuguezes, uma alta significação. D'hoje em diante, ha mais um motivo para supor que os nobres interesses da literatura nacional serão, no Ministerio da Instrução Publica, convenientemente respeitados e defendidos. E bem precisam de o ser. Portugal ainda não tem um código de teatros, ainda não tem uma lei de propriedade literaria e artistica, e os direitos dos escriptores publicos são ainda regulados, em 1915, pelo anacrónico regime de condicionalidade contra o



qual já Herculano tivera o desassombro de protestar em 1867. — Mãos á obra, meu caro João de Barros?

O amor

Vivia em Alijó, felicissimo, um casal que era um espelho de casados. Ele tinha 86 anos; ella 97. Uniram-se em 1849, por amor, e nunca mais se separaram. Realisaram, em 66 anos de afeto, a suprema felicidade de envelhecer amando-se. Uma d'estas noites, o marido morreu. Ella, resignada, na tranquillidade de quem adormece, deitou-se junto d'ele. Na manhã seguinte, fôram encontral-os mortos, de mãos dadas. Batiam-lhes na face os primeiros raios de sol. Dir-se-hiam adormecidos n'um calmo sorriso de beatidade. A morte unira-os, como os tinha unido a vida. Ficaram juntos na mesma sepultura. — Não, senhores psicólogos. E' inutil procurar mais. Podem apagar a sua candeia. O verdadeiro amor existe. Dorme ali, n'aquella cova do pequenino cemiterio de Alijó, debaixo d'um montão de flôres da primavera.



Museu d'arte antiga

O paiz está devendo altos serviços ao dr. José de Figueiredo. O illustre director do Museu d'Arte Antiga não tem apenas a competencia, que enobrecce; possui a fé, que exalta e que transfigura. A sua obra é uma obra de renovação e de claridade, de revelação e de dignificação. O seu nome ficará, como o de um dos melhores educadores do sentimento artistico em Portugal. As tres novas salas do Museu — a dos primitivos, com Memling, Frey Carlos, Eduardo o «Portuguez»; a dos mestres do seculo XVI e XVII, com Durer, Holbein, Rubens, Rafael, Giordano, Della Robia; a dos flamengos e holandezes, com Temiers, Abraham van den Tempel, van Thullen — são tres lições de beleza que honram, em José de Figueiredo, simultaneamente o organisador, o educador e o artista.



JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



O senhor Morgado de Gondiaes era a mais adoravel velhice de toda aquela terra em redor.

Já lá ia bem longe a mocidade, o tempo aventureiro e lindo!...

Então, montava ele o seu ruão de otima picaria, batendo de espora fita caminhos e devezas, estrupindo forte á vista de um solar, curveteando com ligeireza e garbo diante das raparigas, que só de vê-lo córavam como um cerejal maduro.

Era um diabo de tentação, o Morgado!

Conquistava olhos negros e abadas de cravos vermelhos, com a mesma segurança e mestria que abafava os impetos de um poldro rebelão e espantadiço.

Uma tarde porém, as moças, com tristeza, viram-no desprezar cravos e olhos negros, para tomar todos os dias o mesmo caminho; na ida folgado e de galope, á vinda severo e detencoso.

Segredou-se, mas com duvida, que déra mal de amor no Morgado de Gondiaes!

E um domingo, sob a arcaria botante de mimosas douradas, as raparigas do sitio, frescas como um rosal, emquanto no adro esperavam pela missa, contaram n'um desafo de magua e despeito, que o audacioso Morgado roubára a Aldoucinha, linda fidalga de Santiago de Carreiras.

Era verdade!

N'essa noite o Morgado, deitada a creadagem, arreou elle mesmo o cavallo.

As cigarras desfiavam cantigas no pomar.

Os telheiros de empalho, as médas e a córte, estanciavam em volta da casa repousando amadornadamente.

Montou, disse adeus ás flores, prometeu-lhes intimamente uma companheira e largou a trote pelo habitual caminho.

Lá para as duas da madrugada, a linda Aldoucinha de Carreiras, vencendo, a tremer, uma janela, caía cheia de graça e susto nos braços do Morgado, galopava com elle, feliz e contente, debaixo de estrelas, entre o matinar vibrante dos galos e o romantico perfume dos laranjaes.

Casaram.

Os de Carreiras, descontentes e malquistados, renegaram a moça e o Morgado.

E quando alguém lhe contava a colera do Tio Vigarrio prometendo deserdá-la, o de Gondiaes, encolhendo os hombros, respondia n'um sorriso bem humorado:

—Ha ahi que baste para ella, para mim e para os filhos se os houver!

De certeza, afóra as terras de boa colheita, rosna-

va-se nos soalheiros que o Morgado tinha ao canto da arca bela soma de peças em ouro.

Amadureceu com oito annos de ventura e duas filhas, perdendo aquelle ar estouvado que tão bem lhe ficava na mocidade.

Começou a viver para a mulher, para ellas, vinhédos e milharaes, flores, cavalos, a sua paixão, e para a casa que, como um ninho abençoado, espreitava sob uma réde intrincada de rosas da Alexandria.

Revia todo enlevado as pequerruchas, Violante e Leonor, gosando da alma o benefico desejo de um rapaz, que viesse completar alegremente a felicidade da sua vida inteira.

Sim!—Um rapaz que fosse como elle azougado e alegre, que gostasse de cravos e raparigas, que soubesse restribar-se n'uma sela para ensinar um pôtro e lá viria tempo, quem sabe?!... Talvez que, como elle ainda, por uma noite bem firmada de estrelas galopasse sonhando meigamente, entre o matinar vibrante dos galos e o romantico perfume dos laranjaes.

Corria alegre o tempo das vindimas.

Ia no espaço um embriagante cheiro a mósto!

O sol coruscava rarefazendo o ar, quente como o interior de um forno na cosedura; os granitos azulados chispavam, incendiando o restolhal da ultima ceifa e mordendo n'um febrão as leiras resequidas.

Homens e mulheres de face ardida, porejando suor, as camisas de estôpa manchadas de alegrissimo e santo vinho novo, cruzavam-se n'um enxamear de silenos cantantes, vergando ao péso de bojudos cestos a abarrotar de cacho magnifico, que as abelhas disputavam em ancias de prazer e gula. Nas veigas e na marginação dos campos fervilhava uma multidão de braços musculosos, movendo escadas n'uma ascensão triunfal de festa dionisiaca.

Despojavam as arvores de folhagem crestada e vermelhuda, assobiando e cantando, rindo selvaticamente.

A cada cesta que descia suspensa por um cabo, era um côro enorme, estrugindo, reboando pela vastidão dos campos, reflectindo-se bíchicamente nas quebradas e lombas:

—Ora torna, torna, torna, tor-na-a-a-a!—

—Tor-na-a-a-a!

O Morgado, experiente e sabedor, pontificava junto das dornas e lagares, provia e dirigia, presidindo á escolha.

Passava a faina. O vinho lá estava nas pipas e toneis.

Chegaram as restevas. O espigueiro, como uma reminiscencia de casinha etrusca, já esperava a bemdita

messe dourada, vasta cabeleira loura tombando em ondas de fartura.

A linda Aldoucinha de outros tempos morrera havia dois anos, dando á luz uma terceira filha.

Caíu por terra a ambição do triste senhor Morgado!

Agora era a senhora Bernarda, santa velhota de queixo penugento, muito fresca e rosada na alvura do seu lenço, quem ordenava os arranjos da moradia.

O Morgado fôra sempre habilidoso e cheio de carinhos.

Mais de uma vez o tinham visto fazer meia na perfeição, pentear todas as manhãs as suas meninas, adormece-las cantando o ingenuo rancime de «Dona Silvana», trazendo-as cuidadas e amimadas n'um tegalo da vista e coração.

Alôra isto, apenas o detinham os vinhos e o gado. Esses sim, que ninguem teria melhor!

Quando a ridente floração da vida começasse a cair, mandava ele recolher as pétalas fragrantés desagregadas do bago pela aragem. Depois, secas e limpas, eram guardadas em potesinhos de barro vidrado com sua tampa de cortiça rugosa e uma camada de cêra, produto da ultima crêsta.

Se o cacho, já vingado, ameaçava moer vitimado pelos nevoeiros da manhã, então tomava-se de impertinência e fulminava o mal com um exorcismo algo exquísito.

Assim que o branco estivesse môsto, as pétalas fragrantés lançavam-se na fervura.

Lá por esse janeiro fôra, os entendedores provavam levantando a aza do nariz, estalando consoladamente a lingua no céu da boca, satisfeitos e intrigados.

—Mas que deita o senhor Morgado no vinho, para ele cheirar tão bem?!—

E ele sorrindo de contente, aspirando a sua pontinha de camoêsa, dizia velhamente:

—Nada!... E' tal qual o dá Deus e a pédra do lagar!—

A's vezes, muito cedo ainda, quando as gotas de orvalho espêtravam as primeiras résteas de sol, abria os batentes da janela onde um restelo imemorial pregado evocava no dizer das gentes vingança ou travessura de feiteceiras. No figueiral semeado de fruto alanhado e doce, patenteando os labios sensuaes e rubros, cristalísados em escorrente lagrima de assucar, as folosas, indiferentes pela taramela, bicavam com tenacidade louca.

—Comei, comei, daninhas! Ha de chegar para todos!—

Gostava cada vez mais de flores e confessava entre a vibração ecoante de gargalhadas sonoras, que nada o animava tanto como um beijo de rapariga solteira.

Tinha a sua egua predileta envelhecendo como ele e a quem chamava com intimidade de bom amigo—Urraca.

Ele só! Os outros, tinham de dobrar a lingua. Dona Urraca, é que era!

Sempre vestido de araguede fino, tilintando a espoura de ferro de Guimarães, na mão uma chibata de oliveira com nós na ponta, levava-a ele mesmo pelo cabresto ao pasto.

Eram dois amigos, entendendo-se e compreendendo-se maravilhosamente.

Não faltava ás feiras. A Urraca, coitadinha, ficava; já não aguentava d'essas caminhadas. E a pequenita também. Uma por ser velha; outra por nova demais.

Na madrugada, já estava tudo pronto.

Os moços de véstia ao hombro e sobre ela o varapau, pendendo-lhes para as costas a cabaça de vinho, que a seu tempo serviria para espevitar a alma e refrescar a guela séca de pó, seguravam a mancha escura de cavalos e éguas, tratados com esmero, fortalecidos e impando vigor, graças á lande das devezas.

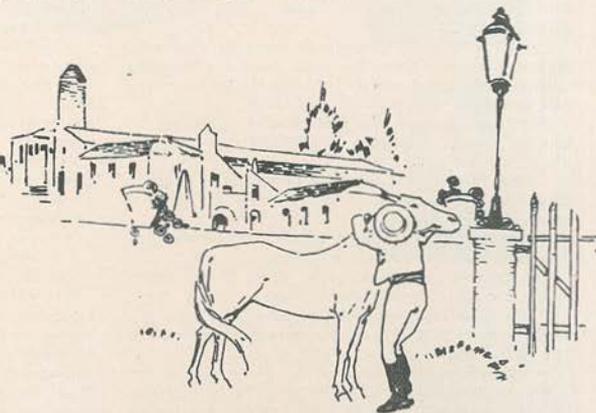
Este fruto, no dizer do Morgado, fazia pular de sangue rico e nobre os animaes, dando-lhes firmeza de musculos em revelações de brio e nervos.

As filhas agasalhavam-se nas capotilhas de bom pano assedado, rematando no alto da tésta em gracioso bico, com um coraçãosinho de filigrana de ouro pendente.

Sobre os vestidos de séda lavrada, rutilava a pedraria de custosos aderçes e o esmalte dos brincos afusados.

A senhora Bernarda compunha geitosamente as saias das meninas, á luz morrente da candeia de azeite.

O Morgado, já escarranchado, ajustava ao corpo o seu farto capote de dozeno:



—Olhe Bernarda! Tenha cautela com o lume e com a menina! Que não esqueça a sopinha para a Urraca, tranque bem as portas e fique com Deus!—

—Vá em paz, senhor Morgado! Nossa Senhora da Abadia os acompanhe!—

D'ahi a pouco, transpunham o portão de castanho almadrado e sumiam-se no caminho; o Morgado e as filhas primeiro, a sombra da cavalagem e os moços depois.

Dona Urraca estava cada vez mais velha. Encurrallada na sua córte só um dia por outro saia até ao pasto.

Os ossos ameaçavam romper-lhe a pele, outr'ora lustrosa e cheia de vida.

Volvia dificultosamente o olhar amortecido, fixando as pessoas e as cousas n'um pasmo de muita saudade.

Ai! Bem sabia que não estava longe do seu apartamento!

Aninhada n'um montão de fêno, beicão muito caído, franqueando os dentes desmesuradamente compridos e abalados, parecia cismar na sua própria ruína.

Até já lhe tinham caído as crinas sedosas e a brilhante cauda, naturaes enfeites de uma mocidade remota!

Olhava os cascos, grossos, deformados e a quartela dobrando até ao péso de tanta velhice.

Que diferença d'aquelle tempo em que, sob o corpo do Morgado, caracolava ao longo dos caminhos e fêrira a golpes de ferradura as pedras da calçada, fazendo-as no entusiasmo da andadura!...

Ahi vinha o seu bom amigo. Sacudia as orelhas, iludindo-se n'uma falsa alegria, como a dizer-lhe:

—Vamos lá! Onde é a ida?... —

—Ora cá está a sopinha! Um consolo!... Então velhota?!... — e quasi chorando ao reparar no pouco caso feito:

—Tu não queres comer, Urraca?!... An'a bichinha!... Faz-me a vontade!...

Afagou-a no topête, deixando correr pelas faces enlaidadas lagrimas silenciosas, enquanto ella, de ganacha muito afiada, estendia o pescoço meigamente, gosando a doçura da carinhosa mão.

O Morgado abalou da côrte, soluçando.

As filhas e a senhora Bernarda, acudiram varadas de susto.

—A Urraca morreu!... Já nem quer a sôpa!... São como nós os bichos! Tirante a alma, senhora Bernarda, tirante a alma!... —

—Um desgosto assim!... — acrescentou a velha, levando os olhos a ponta do avental: — Quem havia de dizer!... —

E á tarde, quando o poente se despedia n'um prodigioso derrame de violeta e ouro, o senhor Morgado colôquinhava com a boa da Bernarda, noticiou-lhe que não queria em casa a morte da Urraca.

Não tinha coragem! De mais a mais, agora que estava por dias o casamento da Violante com o Primo de S. Cristovão!...

—Nada de tristezas, senhora Bernarda!... Matá-la não! Nem pensar n'isso é bom!... Eu cá tenho a minha ideia! —

Na manhã seguinte, foram depostas na bouça algumas gavelas de fêno macio e cheirosos.

Conseguiu-se, muito a custo, que a Urraca saísse da côrte e enfiaram-lhe um cabresto.

O Morgado com o coração a nadar-lhe em magua, as mãos trementes e o olhar embaciado, nem via o que fazia.

—Anda bicha... anda... —

Mal aguentando a anca descaída sobre o jarrete flácido, a ossatura jogando dentro da pel: aos encontros, foi-se arrastando, vagarosamente, difficulosamente.

—Anda bicha... anda... —

Atordoado e com um nó na garganta, tropeçava nos rebos do caminho fazendo tilintar a espora de ferro de Guimarães.

Os moços amparavam Dona Urraca, suavizando-lhe a penosa marcha nas ladeiras; e ella, estacando de cansaço a cada passada, alheava-se estranhamente de tudo, como se por ali passasse a primeira vez.

—Bicha... anda bicha... —

Nem se voltava, lavado em pranto, receiando rusticidade e infantilmente, que ella pudesse adivinhar tamanha dôr.

Chegaram. A bouça emanava silvestremente a rosmarinho e urze.

Os tojos rebuçavam-se em finas teias de aranha, perlas de orvalho, fulgindo ao primeiro sol como gaze de prata.

—Anda bichinha... anda... —

O fêno lá estava entre fraguados, abrigado sob a ramagem dos carvalhos.

A Urraca morta de fadiga, deitou-se, arfando ruidosamente. Tiraram-lhe o cabresto.

—Ide-vos —, disse o Morgado aos moços.

Ficaram sós.

—Adeus Urraca!... Eu cá virei todos os dias com a sopinha e o mais. Sim?!... Ha vinte e tres anos!... Criei-te desde pequenina!... Nunca ficaste longe de mim! Valha-me Deus, valha-me Deus... —

Olhou em redor. Não se iria assim!

Agachou-se, abriu os braços e estendeu-lhos em volta do pescoço, a soluçar, a soluçar...

A Urraca continuava na bouça, recebendo pontualmente a visita e a sôpa.

Chegou a boda da Violante com o Primo de S. Cristovão.

Todos perderam a cabeça, esquecendo a pobre exilada.

A casa alindou-se; e as flôres rescendendo por toda a parte, espreitavam e riam, contentes da alegria dos amos.

Quando os noivos regressaram da igreja, explodiu na eira a polvora festiva de morteiros alinhados e uma chuva de confeitos granizou a escadaria do pateo.

A senhora Bernarda, correndo como uma rapariga, parecia doida.

O Morgado remoçara, aprumando-se, dando ordens aos creados, que acarretavam da adêga em cangirões enormes, aquele famigerado vinho, perfumado e salitante.

Os convidados, mais a parentela de Romil e Duas-Egrejas, começaram a invadir a sala grande, enquanto a noiva de faces rubras como papoulas, segredava enleiadamente ao noivo, bonito e robusto moço, forte como uma trave.

De subito, entrou o senhor Abade... —

Foi um alarido!

Vaporando cravo da India surgiram os primeiros alguidares tortos cogulados de succulento arroz, acolitados com brilho por gigantescos pratos de Viana, excelentemente empachados de presunto e salpicão chorudo. Em seguimento, anunciava-se um provocador cartel de «galinhas de alfite», «caravonada de mãos de pôrco», «perú com salsa real», famosa sôpa abeberrada no forno, a loura delicadeza dos «melindres» e o mais conventual e saboroso dos cremes.

Inesperadamente, um conviva desageitado, baldeou de uma cotovelada o copasio, laivando de purpura retinta a alvissima toalha de linho.

Estalaram gargalhadas.

—Bom sinal! Bom sinal! —

O senhor Abade, oleando-se-lhe cada vez mais a face glabra, suspendeu o garfo enristado sobre um náco e riu desalmadamente:

—Alegre começo, Morgado! Alegre começo! Ah! Ah! Ah! —

O Morgado levantou-se para remediar o desastre. De repente, olhou para a varanda, piscou os olhos e abalou pela sala fóra aos gritos:

—Meu bichinho! Meu bichinho! —

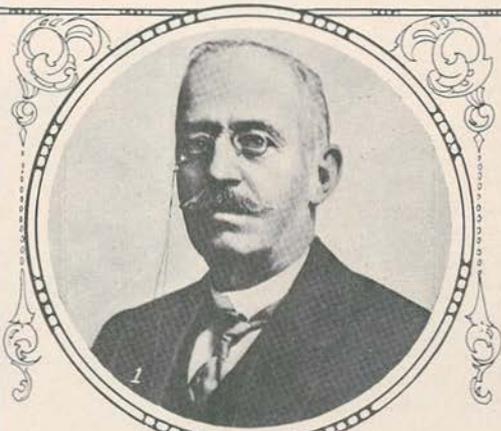
Arrastando trôpegamente a miseravel velhice, Dona Urraca surgiu no quinteiro, com ar de quem diria se pudessem falar:

—Tanta alegria!... Vejam!... E ninguém se lembrou de mim! —

FRANCISCO LAGES.



FIGURAS E FACTOS



Dr. Anselmo Xavier

Na sua casa de Benavente, onde era muito estimado pelas suas brilhantes qualidades pessoais, faleceu o sr. dr. Anselmo Xavier, republicano da velha guarda, um grande apóstolo e propagandista intemerato da causa da Republica. O saudoso extinto era bacharel formado em direito e um jornalista de raras aptidões. Colaborou em muitos jornaes republicanos e foi um dos fundadores do «Seculo», do qual por muitos anos foi gerente e seu colaborador prestimoso. Atualmente o sr. dr. Anselmo Xavier era senador. A sua enlutada familia envia a «Ilustração Portuguesa» os mais sentidos pezames.

2. O sr. José Ribeiro da Cunha, antigo governador civil do Funchal, vitimado por uma granada que explodiu em casa de um seu parente, no Alto de Santa Catarina, em Lisboa—3. O sr. Agostinho d'Abreu Machado Antas, general, falecido em Lisboa—4. O sr. Manuel de Sousa Carneiro, antigo comerciante em S. Paulo e ultimamente residindo em Agueda, Bicha Moura, onde faleceu—5. O sr. Pe. Ivo Antonio da Costa, chefe de divisão aposentado da administração geral dos correios, falecido em Obidos—6. O sr. Jeronimo Pinheiro da Camara Manuel, ministro de 2.ª classe, falecido em Lisboa—7. O sr. D. Antonio Moutinho, bispo de Portalegre, cuja diocese pastoreava ha 3 anos e onde faleceu—8. O tenente do qua-



dro auxiliar de artilharia, sr. Miguel Simões, falecido em Castelojo, Fundão—9. O sr. conde de Silves, importante proprietario e antigo industrial, falecido em Lisboa—10. O sr. dr. Johannet Nilsson Thorn, especialista em magacens e ginastica sueca, falecido em Lisboa—11. O sr. Antonio Ferreira da Silva, falecido em Ovar, onde era muito estimado—12. O sr. João Marques Aranha, falecido em Vila Franca de Xira, onde era proprietario e agricultor—13. O sr. dr. Celestino Ferreira de Almeida, advogado muito distinto dos auditorios de Braga, onde faleceu—14. O sr. dr. Vicente Ferrer de Barros Wanderley de Araujo, vice-consul do Brazil no Funchal, que faleceu em Lisboa, onde estava de licença—15. O sr. José Marques

Cachapa, negociante, falecido em Evora—16. O sr. Lourenço Manuel da Silva Rodrigues, inspector reformado dos caminhos de ferro, falecido em Lisboa—17. O sr. José Pereira Lopes, proprietario, falecido em Lisboa—18. O sr. Edgardo Gonçalves de Araujo (Carandá), proprietario, falecido em Braga—19. O sr. Filipe da Silva Lemos, proprietario em Seruache do Bom Jardim, onde faleceu—20. O sr. Augusto Pinto de Almeida, 1.º official da camara municipal, falecido em Lisboa—21. O sr. dr. Manuel Pedro Faria de Azevedo, juiz aposentado do Supremo Tribunal de Justiça e antigo procurador regio, falecido em Lisboa.

A sufragista e a mulher na guerra

Ha dias, n'um jornal, eu li que na Inglaterra,
A Sufragista quer entrar tambem na Guerra!...
A insensata creatura ao mundo vem mostrar
Que até na arte hedionda, ignobil, de matar,
Éguala, e excede até; o Homem que ela odeia!...

—Ferir, avassalar, maravilhosa ideia!...
Partir cabo ou sargento e vir tenente, alferes!...
Pensam talvez sorrindo as terríveis mulheres
Que conquistam tambem logar no Parlamento!...

Ah! como eu vos detesto e como vos lamento!...
Oh! seres que odiaes o Lar e apunhalaes a Arte,
Vós não sois mulher's, não; formaeis um mundo á parte!
Da Patria o santo amor não vos guia, á final!
Apenas defendeis o vosso negro ideia!...

Quereis matar a tiro o Homem como a um lobo,
Á fim de que na terra, a governar o Globo,
Fique a seita infernal a que vós pertenceis!...
Por isso desejaes, montadas em corseis,
Atravessar o campo austero da batalha,
Durante o estrondear ardente da metralha!...

Sou franca; desculpaes, que eu sei que vos ofendo:
Mas o desejo vosso, hediondo, atroz, horrendo,
D'ir ceisar tanta vida a tiros de canhão,
Meus nervos faz vibrar de dor e indignação!
Minhas frases serão grosseiras e severas;
Mas vós mulheres não sois, reptil!... — Vós sois-feras!...

Que o Homem, so, defenda a Patria muito amada,
Fazendo o obuz troar! Ou em duelo á espada,
Em luta corpo a corpo, afrontando mil perigos,
Que ele extermine e vença heroico os inimigos!

Se a missão da mulher é na guerra sublime,
Não é a matar gente, á final, sempre um crime!...
Nas ambulancias só está o seu logar!
N'esse oasis da Dôr, n'esse longinquo lar
E' ela um ser ideal, adoravel, bendito!
Um anjo de bondade e d'amor infinito!...
Tão áistante dos seus, ferido, pobresinho!
O Heroe n'ela tem d'uma irmã o carinho!
—Quem lhes aconchegue a roupa enternecidamente,
Quem remedios lhe dê, e piedosamente,



Quem por ele ore a Deus com crença fervorosa!
A delicada mão da fada graciosa
Alimentos prepara, e a sorrir oferece
A ligeira razão de que o corpo carece!...

E a pouco e pouco, assim, á custa de cuidado,
Se a cura um dia vem, o valente soldado
Chamado a combater de novo nas fileiras,
Ao deixar as I. mãs, as bôas enfermeiras,
Sente o seu coração comover-se!... Ao pa tir,
Agradecer não pôde, e tenta em vão sorrir!
E esse Homem que não teme obuz, canhão e lança,
Vae quasi a soluçar; parece uma creança!...

Da santa que o tratou, livrando-o da morte,
E a quem de facto deve estar côrado e forte,
E' d'esse lar de paz onde viveu doente,
Leva sauaades, sim, o bravo combatente.

A essas mulheres, pois, que são na guerra impia,
O balsamo, a saude, a paz e a alegria,
Estes versos dedico, humilde e entusiasmada!
Piedosas Irmãs, de face macerada,
Que trataes sem diferença inimigos, irmãos,
Ve joelhos vos beijo as vossas lindas mãos.

Bemditas sejaes vós, que a Humanidade inteira
Venere e glorifique a Mulher Enfermeira,
Que, cumprindo p'la Patria um sagrado dever,
Continúa contudo a ser sempre mulher.
E' vosso sacerdocio levantado e nobre!
O rico, a vosso vêr, não vale mais que o pobre.
A palavra sagrada e santa de Jesus,
Que quiz morrer por nós pregado numa cruz,
E' a vossa doutrina, é a vossa moral!
Vós semeaes o Bem, mesmo em troca do Mal!...
Santas, vós não sabeis o que seja rancôr;
Apenas conheceis a Piedade, o Amor!...
Perdoae, pois, vos peço, o desdem que domina
Minh'alma, que só sente horror e indignação,
Ao relembrar com asco esse feio aletjão,
Que é no mundo, á final, a Mulher Masculina!



Porto, março de 1915.

ESMERALDA DE SANTIAGO

O Velho Mundo em guerra

Já se feriram os primeiros combates entre italianos e austriacos, encontrando-se ao lado destes os alemães que são, afinal, quem os manobra e comanda. Se houve intervenção no conflito que fosse ponderada, chegando a sua demora a produzir certas irritações populares, foi a de Itália que resistiu, por fim, a quantas propostas tentadoras se lhe fizeram para conservar a sua neutralidade.

A resolução do parlamento correspondeu com efeito ao sentimento unanime do paiz. Muitos abstencionistas, que se haviam destacado por uma propaganda que chegou a tomar aspéctos violentos, deixaram-se ganhar por esse fremito de entusiasmo com que a nação, desde o seu chefe ao mais humilde dos seus membros, acolheu a declaração de guerra. Nem podia deixar de ser. Em face do inimigo, seria o maior crime de lesa-patria não se unirem todos como um só, abandonando discussões a que veio pôr termo a natural aquela resolução suprema e esquecendo rivalidades que só enfraquecem, n'um momento

em que é indispensavel reunir e aproveitar todas as forças

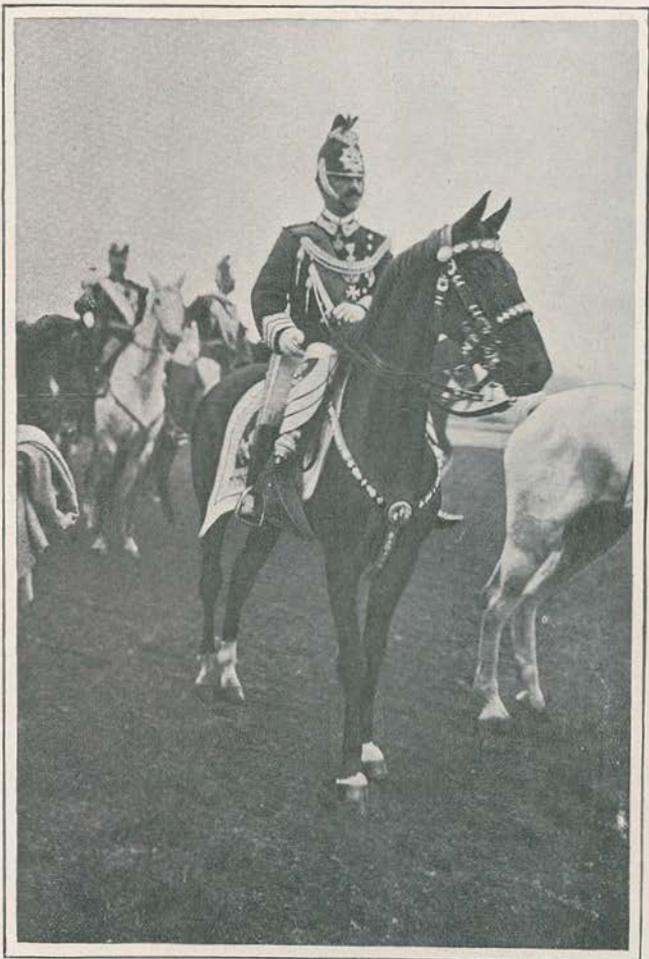
A Itália acaba de dar um singular exemplo de nobreza e de altivez ás suas

irmãs da raça latina, cujo esmagamento é o sonho do imperialismo germanico. Sendo uma das que nos ultimos tempos mais tem progredido pelo seu trabalho, pela sua administração e pela sua politica, que lhe crearam uma situação invejavel de desafogo economico e de prestigio internacional, a Itália, longe de se conservar de braços cruzados, como queria Giolitti, á espera que lhe restituíssem submissa-

mente o que lhe pertence de direito e lhe fizessem novas concessões, preferiu reivindicar o á mão armada, como era mais digno das suas tradições gloriosas, e ao mesmo tempo ajudar a vibrar um golpe decisivo n'uma tirania abso-rvente que constitue uma ameaça perigossima não só para aqueles que a estão a combater ha 9 mezes, mas tambem, e ainda mais perigosa, para os que como nós, por inconsciencia ou pusillanimidade, nos quedamos n'uma attitude imbecil de espectadores.

Honra, pois, á Itália, a nossa cavalheirosa irmã latina, que afinda tem os arrancos de brio e de he-

roicidade, com que Roma assombrou o mundo aavez dos seculos. Que a sorte das armas lhe seja sempre tão propicia, como sagrada é a causa ao lado da qual ella se coloca com o seu valoroso exercito.



O rei de Italia á frente do seu estado maior



O grão-duque Miguel Alexandrovitch atravessando uma ribeira com a sua cavalaria



Na Belgica :—Um regimento Inglês marchando para tomar posições.—(Cliché Branger).
2. O general Joffre, tendo à sua esquerda os generaes Dubail e Mand'huy, sauda a bandeira de um regtmento que passa.—(Cliché Exceisior).

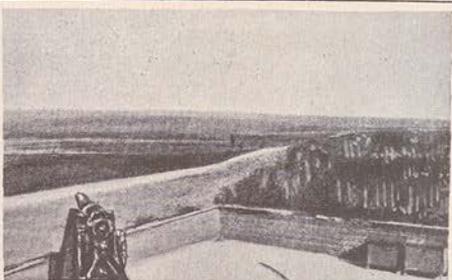


Nos Dardanelos.— Inglezes e francezes continuam a avançar por terra e por mar. Só quem não conhece aqueles 70 kilómetros que vão de Seddil Bahr a Gallipoli, havendo pontos em que os homens tem de lutar tambem com dunas iemosas, é que podia presumir que eles seriam transpostos em alguns dias. Tambem ha a contar com as obras de defeza que ha muito se faziam em todo o percurso sob a direção dos alemães. Quer nas margens do Estreito, quer nos terrenos que as acompanham desde a entrada á embocadura do Mar de Marmara, estava tudo prevenido contra o ataque dos aliados.

A reportagem telegrafica d'estes ultimos dias regista todavia progressos consideraveis. Os turcos continuam a sofrer derrotas importantes bem como os alemães que operam com eles. O general Webe, seu comandante em chefe, e no qual o kaiser tinha a maior confiança, como ainda bem recentemente o testemunhou, acaba de cair morto n'uma grande batalha, de que francezes e inglezes saíram vitoriosos. A entrada da Italia no conflito vae contribuir muito para abreviar a marcha sobre Constantinopla, pois que um forte contingente das suas tropas é destinado a operar ali com os aliados, sendo de esperar tambem que alguns dos seus navios reforcem os que bombardeiam os fortes do Estreito.

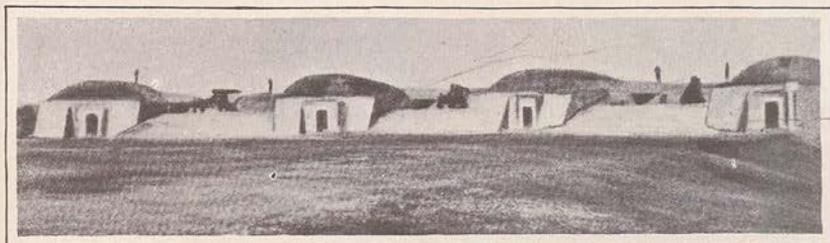


1. O general Inglez Yon Hamilton, comandante das tropas aliadas desembarcadas na península de Gallipoli
2. Uma coluna de infantaria turca acampada na península de Gallipoli



Nos Dardanelos:—Um projetor do forte do Sultão-Hamid

Uma peça de 150 milímetros e o panorama de Boulair



As fortificações turcas da península de Gallipoli:—Bateria de tres peças de 150 milímetros do forte do Sultão-Hamid no isthmo Boulair



Uma impressionante cerimonia em pleno mar:—O general d'Amade apresentando a um novo regimento a bandeira que lhe vae ser entregue.



Em Inglaterra.—Soldados Ingleses construindo uma barreira com arame farpado em volta do maior campo de concentração de prisioneiros alemães para impedir a sua evasão.—(Cliché Branger)



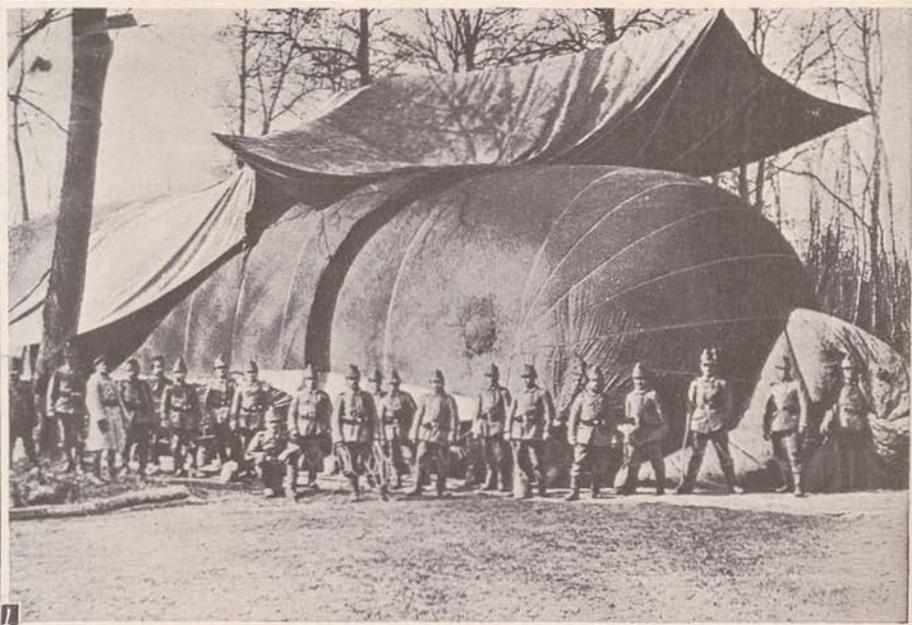
Nos Vosges.—Uma peça de 130 em bateria atrás de um bosque montada sobre um vagonete de plataforma rolante.—(Cliché Branger).



Nos arredores de Saint-Michel:—Abarracamentos construídos pelos artilheiros para abrigo dos seus cavalos.—(Cliché Branger).



Na Alsacia:—Prisão de um espião apanhado em flagrante delito, sendo interrogado antes de responder a conselho de guerra.—(Cliché Branger).

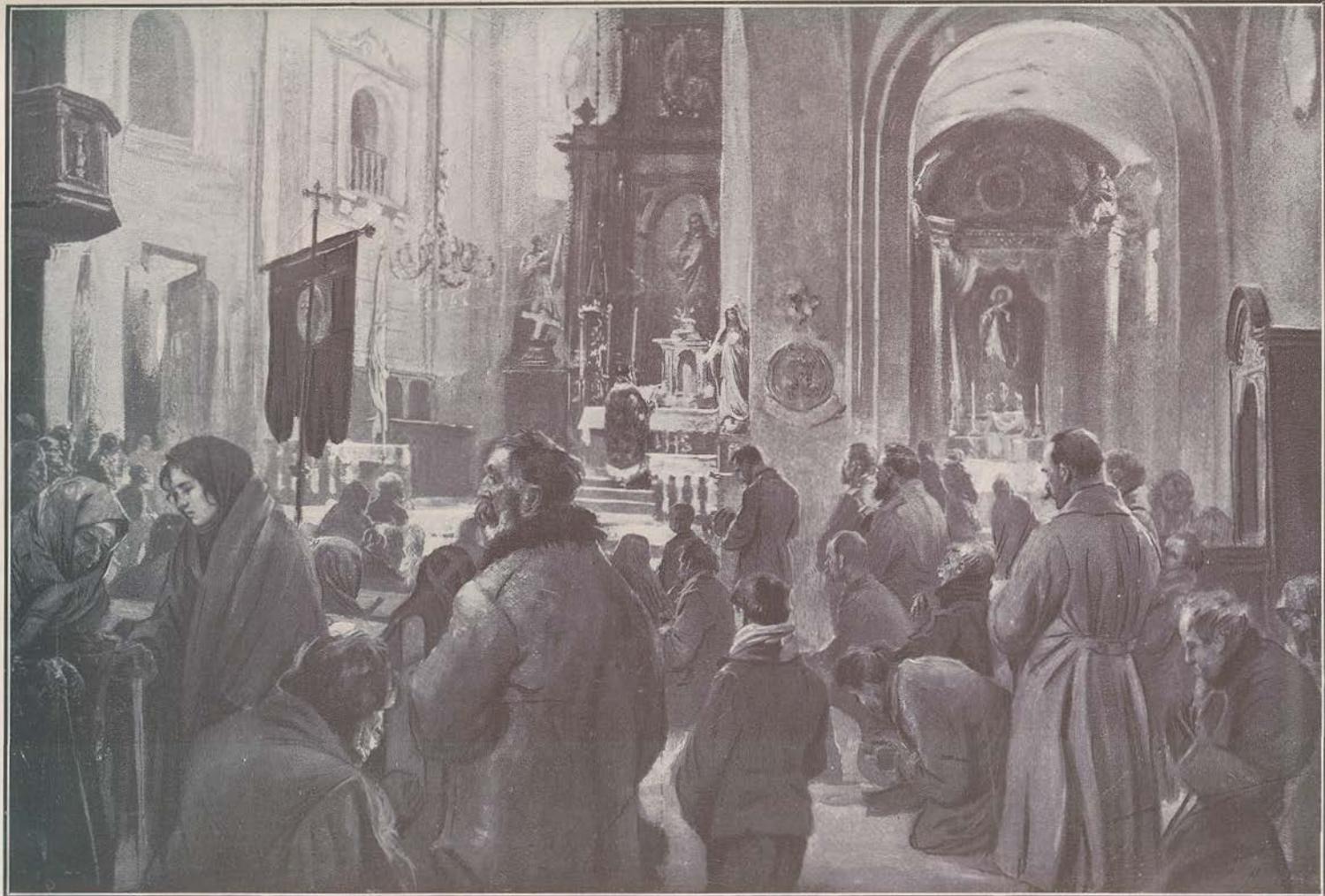


1



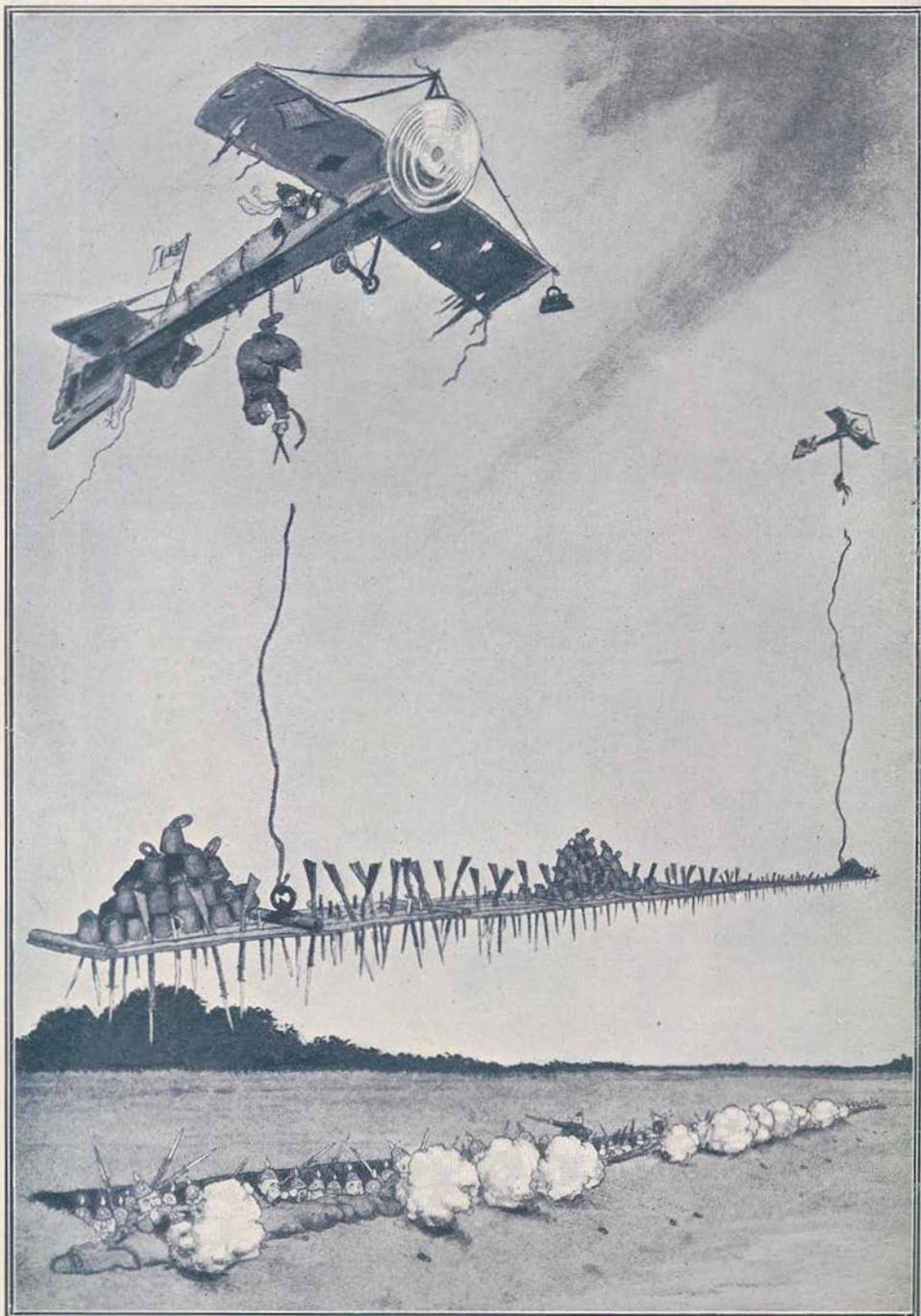
2

1. Um aerostato alemão oculto n'uma floresta.—(Cliché Branger).
2. Interessante fotografia de um assalto a uma trincheira alemã no dia 13 de abril a sudeste de Notre Dame de Lorette.—(Da *Illustrated London News*).



Russos que combatem na Polónia aproveitam uns momentos de treguas para assistirem á missa n'uma das suas igrejas.

UMA INVENÇÃO FANTÁSTICA



A última palavra das invenções aéreas dos alemães para fornecer armas aos seus soldados enterrados nas trincheiras e com as comunicações cortadas. —(The Sketch).



EROS DA VIDA MUNDANA EM ROMA

(Aspétos das modas primaveris de 1915)

As leitoras da «Ilustração Portuguesa» já sabem que, em Roma, as corridas de cavalos são um acontecimento desportivo «à sensation» e também, e principalmente, um acontecimento mundano, que nunca passa sem merecer largos comentários, quer nas animadas conversações em sociedade, quer nas colunas dos jornaes.

E' de facto, por ocasião das corridas de cavalos, nos viciosos e verdejantes prados «dei Parioli», que as ultimas e caprichosas creações da Moda costumam ser lançadas em Roma, ou, melhor, «propagandeadas», permita-se-nos a expressão.

As «Modas primaveris», este ano, por causa do inverno, extraordinariamente prolongado e rigoroso, só agora, em principios de maio, apareceram!

As amaveis leitoras da «Ilustração» teem nas interessantes gravuras que valorisam este pequeno e despretencioso artigo, — gravuras que a magnifica objectiva d'um amator fotografico, nosso amigo, apanhou em flagrante, — uma amostra do que são, n'um dos seus aspétos, as austeras modas primaveris de 1915, um ano de cruentas guerras e, portanto, de lutos e dôres.

Em geral, os jornaes mundanos de Roma accentuam que taes modas se impõem pela sua rara distincção, pela ausencia de ridiculos exageros e tambem por uma pontinha d'excentricidade; e com tal parecer, que não é arrojado nem descabido, usamos nós, quasi profanos no assunto, concordar.

Roma, este ano, em questões de «modas primaveris» — preciso é dizer — «marca», porque Roma é uma das raras capitaes europeas, onde, graças á ainda misteriosa neutralidade italiana, mantida á força de incríveis subtile-

zas diplomaticas (prestes a fracassarem, contudo) se não ouvem o tragico ribombar do irresistivel 75 e o estalido seco e apavorante das metralhadoras, semeando centenas de mortes, lutos eternos e afflittivas dôres!

A Moda, este ano, — coitada! — encontrou, pois, um dos seus melhores refugios na velha Cidade Eterna, que, portanto, «marca», e muito, em materia d'elegancia e distincção feminina.

A guerra não deixou que a Moda se ostentasse livremente, triunfante e garrida, como é praxe, nas outras grandes cidades — Paris, Londres, Berlim e Viena, onde residem os mais celebres «costumiers» uns ditadores «sui generis» que, pelos seus processos endiabrados, escravizam o sexo fragil, amedrontando os chefes de familia... na bolsa.

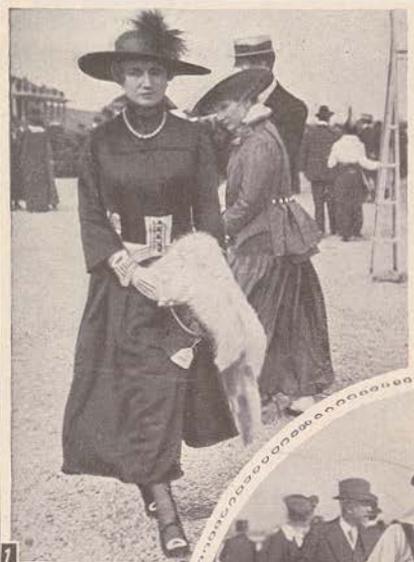
Os famosos «ditadores» de Paris, Londres, Berlim e Viena, por se acharem quasi todos mobilisados, mal lhe chegando o tempo para cortar fardas militares e habitos da Cruz Vermelha,, — já que as damas, com admiravel patriotismo e abnegação, tambem resolveram entrar em campanha, avançando com heroismo até ás linhas de fogo, empenhadas, como os homens, n'uma obra altamente civilisadora e altruista,, — só conseguiram revolucionar, no minimo possivel, as modas antigas: a abominavel «travadi-

na», os incríveis chapéus «abat-jour», etc., etc., produtos doentios d'um exagerado e fúrriprimitel desejo de originalidade.

Assim, os grandes «costumiers» não engendraram muitos «modelos novos»; todos eles se pronunciaram por um modelo sobrio, de linhas simples, inspirado dirre-



1. No momento psicologico... Venceu o cavallo prefeido! — 2. Uma moda que será muito bonita e talvez comoda, mas que é, sem duvida alguma, muito excentrica



Pensativa!... Talvez perdesse a aposta...

tamente na época do Segundo Império (1830), modelo muito severo e pratico, e, sobretudo, que não ofendesse, como convinha ao atual recolhimento das almas, abatidas e angustiadas por incessantes lutas que parecem já tocar as raízes da loucura e lhes vão ceifando, umas após outras, as vidas dos paes, dos maridos, dos filhos, dos noivos, n'uma palavra, de todos os entes queridos!

A Moda, com o rebentar da terrível conflagração européa, não podia, em verdade, eximir-se a traduzir as afirmações nacionaes. Designadamente, os figurinos de Paris e Londres refletem, pela sua estreita harmonia, os sentimentos dos dois povos aliados e irmanados para, n'um cômum esforço e ajudados pelo colosso russo, abaterem para sempre os tenazes inimigos que os atacam e recorrem — vergonha das vergonhas! — aos abominaveis processos da barbaria medieval!

D'aí — nota consoladora para os latinos — aes-

treita e simpatica semelhança entre os modelos de vestidos e chapéus saídos este ano dos mais afamados «ateliers» de Paris e Londres, semelhança tão grande tão pronunciada, que parece querer constituir d'elles um «unico modelo» — o modelo da «elegancia triple-entente», na frase d'um poeta futurista... com a cabeça no seu lugar.

A Italia, que da Grecia herdou, principalmente na época do Imperio, o dominio da Moda e que, mais tarde, durante a Renascença Italiana, proclamou para todo o mundo, bem pôde dizer-se, as leis do mais autentico «bom-tom», desde os estonteadores perfumes até ás maravilhosas sedas do tempo; a Italia, onde, enfim, brilhou a incomparavel e classica «elegancia florentina», a qual reinou, altiva e avassaladora, nas mais exigentes côrtes européas; — a Italia resignou-se, n'uma subserviencia que entristece, a imitar... Roma, em 1915, continúa, pois, a reconhecer a hegemonia da «elegancia parigina...» e sem protesto, esquecida d'aqueles

tempos idos de luxo requintado, do esplendor da elegancia romana profundamente estetica.

E Roma não protesta, porque a Moda, amáveis leitoras da «Ilustração Portuguesa» tem a sua séde intransferivel, já definitiva, em Paris, onde o dinheiro, que a alimenta e doira, corre a flux — o que, infelizmente, não



sucede em Roma, apesar de alojar muitos príncipes, duques, marquizes e barões!

A Democracia arruinou a tradicional opulência «patricia» — gritam ainda, em pleno século XX, os conservadores, saudosos dos tempos idos, em que era tudo para eles mas a Democracia, ainda que lhes pese, trouxe muito bem. Se é um facto que as modas modernas arrancaram, por exemplo da cintura dos fidalgos a espada por vezes generosa e o punhal antes vezes assassino, se é um facto que arrancaram da cabeça de tantas damas gentis uma resplandecente coroa herdada, simbolizando o privilégio de fortuna e nascimento, quanta beleza também não trouxeram, em compensação, e para todos,



nobres e plebeus, as modas modernas?!

N'esta orientação, os modelos primaveris de 1915, embora inspirados directamente na época do Segundo Império — honra os seus iniciadores — mostram que eles só aproveitaram dos tempos idos... o que era suscetível de complicar-se com o grau de civilização e de progresso atingido pelas sociedades.

Assim, os modelos primaveris de 1915 de Paris e Londres não resuscitaram as excentricidades de 1830, mas tão somente o que foi consagrado como bonito e pratico.

As modas primaveris, nascidas sob os auspícios das nações da «Triple-Entente», nunca ousariam afastar-se d'um tal «desideratum» — eminentemente artistico e



1. Não poderão negar que se puzeram... à disposição do fotógrafo
2. Um aspecto do restaurant durante um dos intervalos das corridas

(Clichés P. Silsa, de Roma)

comodo. As excentricidades d'este ano — e as excentricidades são sempre inevitáveis — indulgentes leitoras da «Ilustração», estão já condenadas. Acautelem-se, pois, do pessimo gosto das modistas d'esastradas ou ignorantes. Escolham Vossas Excelencias e é quanto basta.



Saindo das corridas



Um par elegante

E. GARCIA

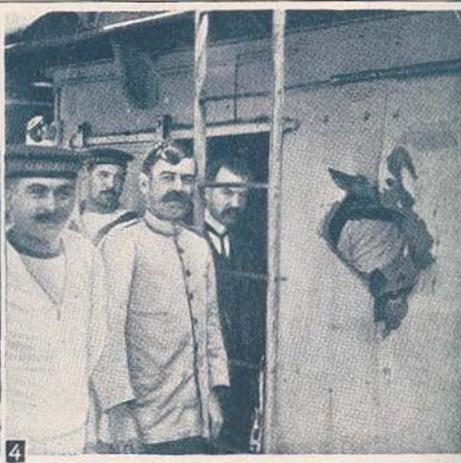
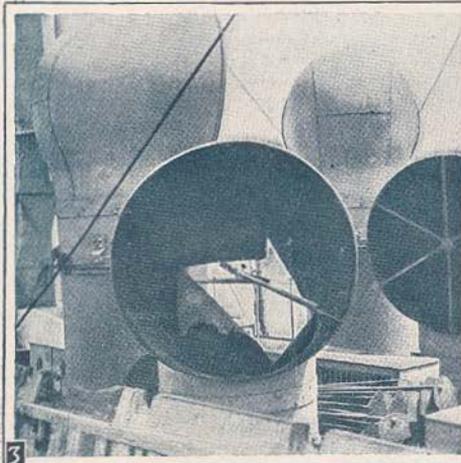
Ainda os acontecimentos

Voltou a tranquilidade ao paiz depois de uma comoção rapida, mas tremenda, e o que mais nos tranquillisa é a boa disposição em que parecem estar todos os partidos de se unirem, finalmente, não só para defesa e consolidação das instituições, mas para a obra da resurreição economica e financeira em que todos nós trazemos a esperança posta desde a proclamação da Republica.

E' mesmo essa obra a primeira garantia de bem estar nacional,



1. O comandante do *Almirante Reis*, o 1.º tenente sr. Fernando de Rego.
2. Um grupo de marinheiros da guarnição do *Almirante Reis*.



3. Efeitos de uma granada disparada sobre o *Almirante Reis*, pela artilharia postada no Alto de Santa Catarina.

4. Um rombo produzido por outra granada na cosinha do *Almirante Reis*.



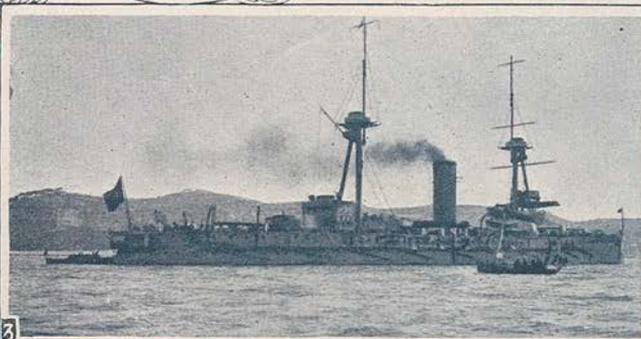
1. Uma das enfermarias do novo posto de socorros do hospital de S. José.



irmãos se apaguem sob a consoladora certeza de que soubemos aproveitar tantos sacrifícios de vidas, como se não de apagar, com uma reparação carinhosa e rápida, esses vestígios dolorosos, que as granadas e as balas deixa-



4. Capitão-tenente sr. Mariano Martins, novo governador civil de Lisboa.

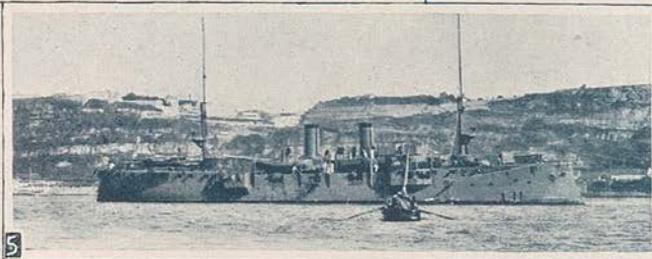


ram em varios pontos de Lisboa.

Se não fossem eles, os estrangeiros que nos visitaram nos seus navios de guerra nada mais encontrariam que lhes desse uma ideia do que fóra a revolução. Lisboa e as outras terras do paiz, onde ela se refletiu, voltaram

2. Curativo de um ferido no novo posto de socorros do hospital de S. José.

porque os seus factores principais são a paz e o trabalho, absolutamente incompatíveis com as lutas dos homens e dos partidos, com as ambições e vaidades pessoas e com interesses meramente partidarios. Se, realmente, os partidos se unem sob o mesmo ideal da causa publica, não tardará muito que as tristes impressões d'essa terrivel luta entre



3. O couraçado hespanhol *España*.—5. O cruzador hespanhol *Rio de la Plata*:

(Clutchés Benoitel).



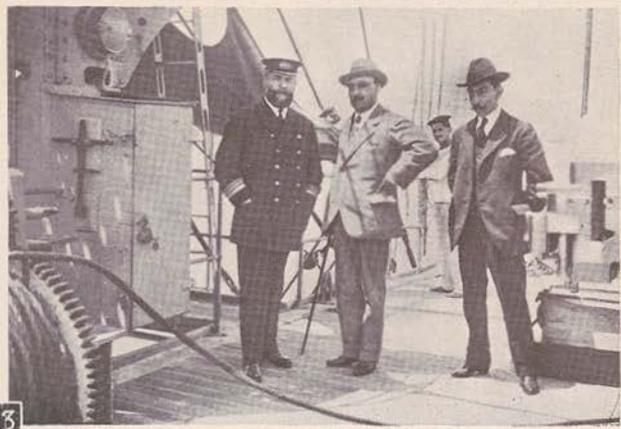
1. A posse do novo governador civil sr. Mariano Martins, roleado dos seus secretarios



2

tão rapidamente á normalidade, á sua vida habitual que mal se acredita que acabassem de sair de uma luta sangrenta.

Não; ao povo portuguez não lhe faltam qualidades para ser feliz; tem-nas de sobra; o que falta é que os seus homens publicos se resolvam aproveitá-las,

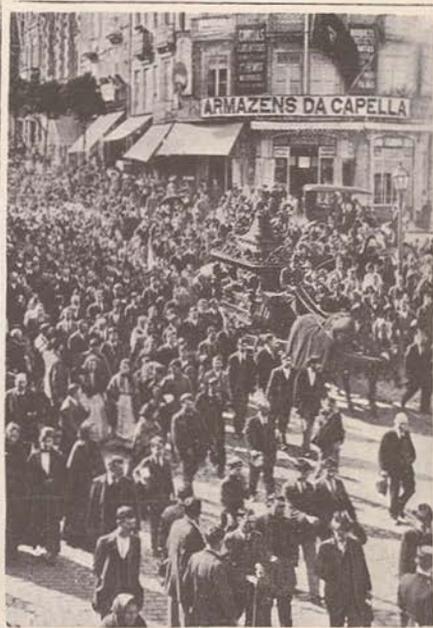


3

guiando-o com criterio e administrando a valer o que é d'ele. Que os governos se compen-trem de que tem sobretudo de fazer a administração, creando riqueza publica. A politica é que os faz baquear a todos; como, infelizmente, se continuar infrene, fará baquear um dia o proprio paiz.

2. Grupo de revoltosos militares e civis do Bombarral.

3. O capitão de fragata sr. Leote do Rego, comandante do Vasco da Gama, com os jornalistas hespanhoes que foram a bordo (Cliché Benolle).



O funeral do republicano sr. Manuel A. de Oliveira Ramos.

—O Porto prestou uma sentida e solene homenagem a um dos mártires da revolução, o dedicado republicano sr. Manuel Augusto de Oliveira Ramos, ferido por uma bala inimiga que o prostou quando recolhia a sua casa. Nenhum republicano de coração deixou de acompanhar á ultima morada o intemerato democrata a quem a Republica merecia o mais devotado carinho. As ruas encheram-se de povo que respeitosa-mente assistiu á passagem do feretro do desditoso cidadão, que no cemiterio teve a homenagem a que tinha direito pelos muitos serviços que prestou á Republica. E' que a laboriosa população da invicta cidade sabe o que deve a quem trabalha pelo engrandecimento da Patria, como tem demonstrado brilhantemente atravez dos seculos, pugnando sempre pela liberdade e pelos progressos do paiz.



1. Passagem do cortejo funebre nas Carmelitas, vendo-se á direita o sr. dr. Pereira Osorio, governador civil do distrito, apeando-se do automovel.—2. Um aspecto da rua 31 de Janeiro á passagem do funeral do sr. Manuel Augusto de Oliveira Ramos.—(Cliches do distinto amator sr. Manuel Moreira da Silva).



Em Santarém.— Foi Santarém a primeira cidade onde o movimento revolucionario, que a principio se julgou sufocado pela artilharia, saiu vitorioso, aderindo a ele o povo, cheio de entusiasmo e do mais ardente patriotismo.



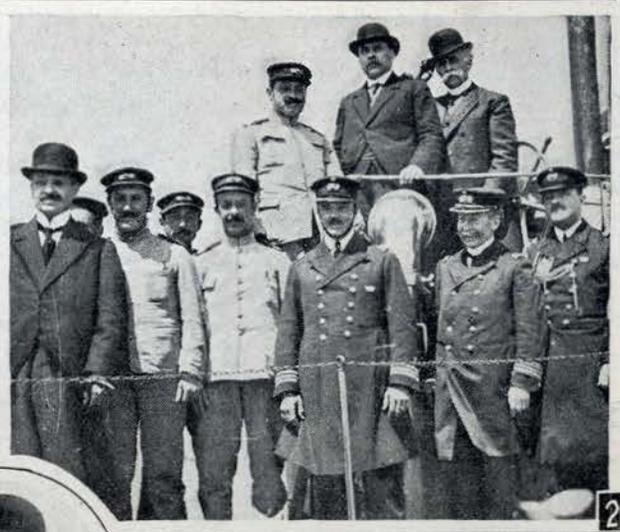
No Porto.— A heroica cidade do Porto mais uma vez evidenciou o seu odio pelos opressores, lutando denodadamente pelo exito do glorioso 14 de maio, custando-lhe esse ato a morte de alguns dos seus filhos.



1. EM SANTAREM—Quartel de infantaria 34: Estragos das granadas junto ás janelas centraes do 1.º andar e rez do chão—(«Cliché» do amator sr. Francisco Inacio da Silva)—2. NO PORTO—Nos paços do concelho: Içando a gloriosa bandeira do 31 de janeiro, proclamando pela segunda vez a Republica n'aquela cidade—(«Cliché» do fotografo amator sr. Manuel Maria da Silva)—3. NO PORTO—O povo, na ansia de noticias de Lisboa, assalta os vendedores de jornaes—(«Cliché» do fotografo amator sr. Manuel Maria da Silva)—4. EM SANTAREM—Soldados de infantaria 34 abrindo trincheiras no Campo Sá da Bandeira para defeza da cidade—5. EM SANTAREM—O rombo feito por uma granada no quartel de infantaria 34—(«Clichés» do amator sr. Francisco Inacio da Silva).



1 O capitão de fragata sr. Leote do Rego a bordo do «Vasco da Gama» com os srs. ministros da marinha e da instrução. («Cliché» Benoliel).



2 Os srs. ministros da marinha e da instrução e o comandante do submergível «Espadarte». («Cliché» Benoliel).



Os verdadeiros revolucionários.— Quanto mais se averiguam as circunstâncias, em que se deu a revolução, e quaes os verdadeiros elementos que lhe asseguraram o exito, mais se admira a valentia e unidade de ação dos marinheiros e dos revolucionarios civis. Muitos d'elles vão saindo, com justiça, da obscuridade em que a principio ficaram os seus nomes e os



atos de heroismo que praticaram. E, realmente, torna-se indispensavel para que não haja confusões com algumas creaturas que appareceram armadas por essas ruas de Lisboa a que nada mais fizeram do que causar inquietações pela visível impericia com que traziam as armas que a pouco e pouco lhe foram apreendidas.



3. O ex-primeiro sargento Melo, solto da Trafaria pelos camaradas, e que láo assinalados serviços prestou na revolução.—4. Alexandre de Carvalho, ex-sargento do 28 de janeiro e 5. o revolucionario civil José Henriques Barreto, que na madrugada do dia 14, se introduziram no Arsenal de Marinha com a primeira força da guarda republicana, comandada pelo sargento José Martins, que aderiu ao movi-

mento revolucionario.—6. Um grupo de revolucionarios que defendeu desde principio até ao fim da revolução a porta do Arsenal.—(«Cliché» do fotografo-amador sr. D onisio C. Lomelino).—7. Revolucionarios do «Centro Almirante Reis» que vieram saudar o «O Seculo» e a «Ilustração Portuguesa». («Cliché» Benoliel).



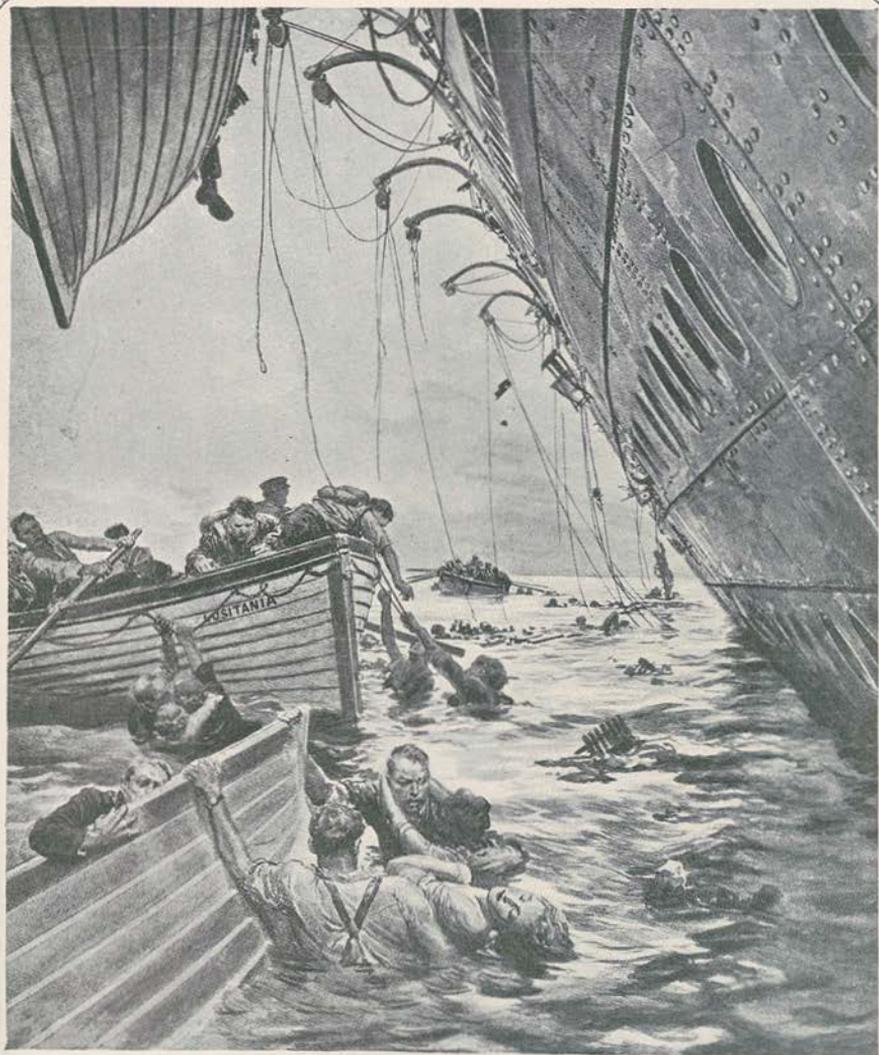
1. Efeitos de uma granada n'um prédio do Alto de Santa Catarina com frente para o mar, sendo este o ponto da cidade que mais sofreu por os navios alvejarem as baterias ali assestadas e fazendo fogo violento contra elas.



2. Escombros do prédio do sr. Pinto Barreiros, no pateo do Lencastre, a Santa Catarina, habitado pelo sr. Buenlein



3. Como ficou o telhado da casa de esquina da rua do Marechal Saldanha e das escadas do Cabral, em Santa Catarina (Cléber Benolte).

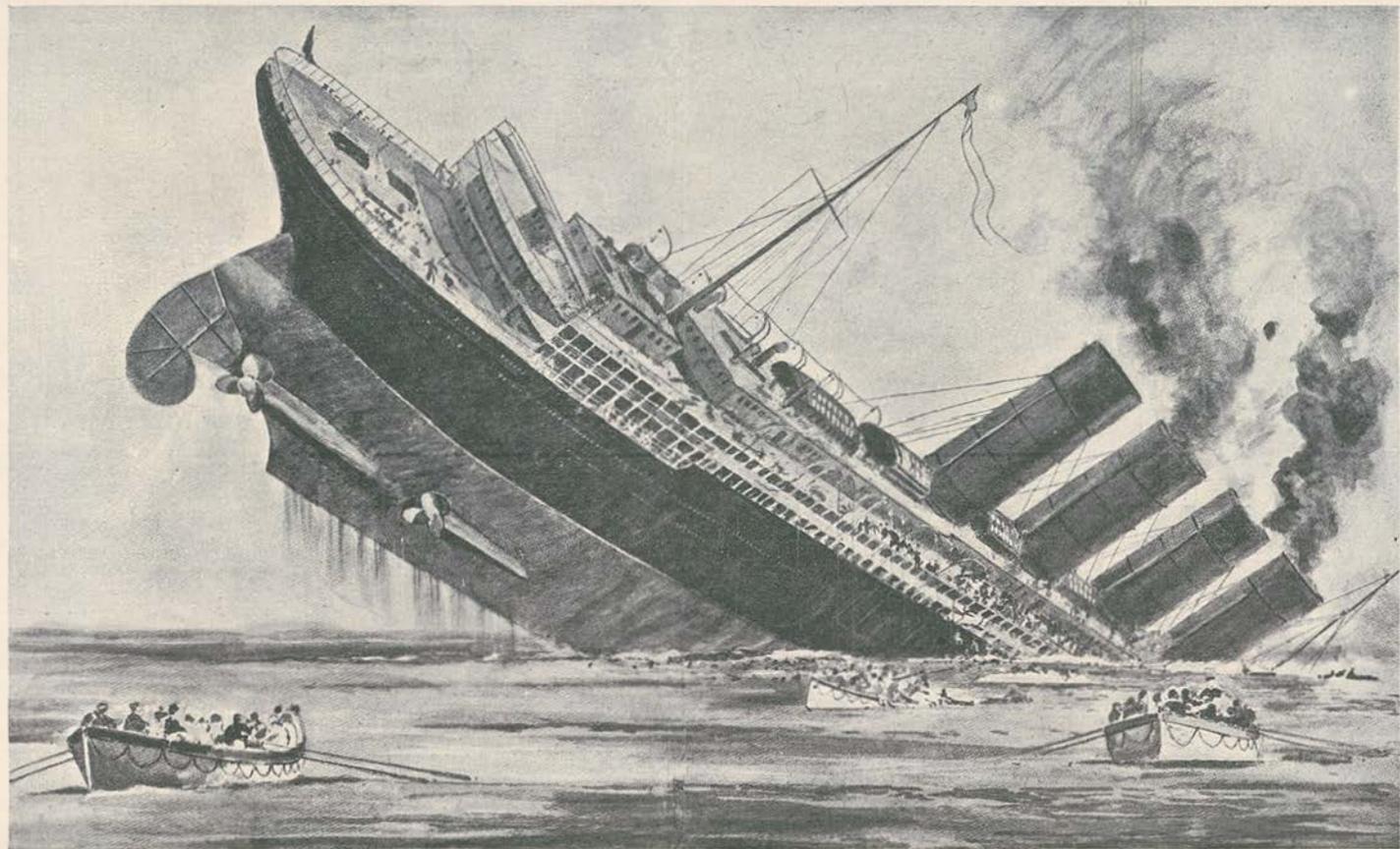


O LUSITANIA

Agora é que verdadeiramente começam a ser conhecidas nos seus pormenores as cenas trágicas que se deram com o afundamento do *Lusitania*, arrombado pelos torpedos de um submarino alemão. A reconstituição que alguns desenhadores fizeram d'essas cenas, segundo as sentidas descrições dos sobreviventes da medonha catástrofe, é assombrosa de veracidade. Deviam ser assim os dolorosos episodios d'esse crime monstruoso, cujos ecos hão de vibrar eternamente na historia como a execração do mais hediondo

ato de pirataria que se procura disfarçar com pretextos de beligerancia.

Pelo aspéto que publicamos n'esta pagina parece estar-se mesmo a ver aquella enorme massa flutuante a adornar, ameaçando esmagar e arrastar no remoinho, que ha de formar ao sumir-se no abismo, os desgraçados que brawejam agonizantes nas aguas já revoltas ou se agarram loucos de terror a uns frageis barquinhos. Que cenas de retalhar o coração não se dariam entre parentes e amigos n'esse momento tragico!



O Lusitania no momento de se submergir

(The Illustrated London News).



1

As tropas portuguesas expedicionarias á Africa continuam a tomar posições estrategicas nos territorios que foram invadidos pelas tropas alemãs. Estas, na sua retirada da capital alemã na Africa Ocidental, terão forçosamente de atravessar aqueles territorios para se dirigirem



2



3

1. Chegada de infantaria 47 a Chibila—2. Chibila: A barraca de campanha, coberta de palha e folhagem. Junto do acampamento de infantaria 47—3. Infantaria 47 acampada no Lubango —(Clichés do sr. Teles Grilo).



1



2

á sua colonia da Africa Oriental. E' de supôr que na sua passagem pelo Cuangar, onde massacraram os soldados portuguezes, os alemães recebam o castigo do seu selvatico ato, sendo desar-



3

mados e feitos prisioneiros. Os esforços das nossas tropas corresponderão, de certo, á anciedade que ha na Europa de castigar os alemães pelas suas desumanas proezas.



4

1. O alferes sr. Albano, que conseguia fazer soldado um indomavel e feroz cuanhama que tem a seu lado—(Cliché do sr. Teles Grilo)—2. O 2.º sargento da 16.ª companhia indigena expedicionaria de Moçambique sr. Jodo Crisostomo, que tomou parte no combate de Naulila e que continua incorporado nas fileiras portuguezas — 3 *Benguela*: Combollo conduzindo a 1.ª e 2.ª companhias de infantaria 20 em marcha para o Iluambo—(Cliché do amador sr. Henrique Trindade)—4. Os sargentos do 3.º batalhão de artilharia de montanha expedicionarios ao Sul d'Angola. Da esquerda para a direita: 2.º sargentos srs. Antonio da A. M. Leal, José Montelro, Alfredo A. Gama, Manuel Perreira, Cortolaro de Oliveira, José Cardoso Leitão e Joaquim Pereira

Teatro Circo de Braga

A encantadora cidade de Braga acaba de juntar aos seus muitos atrativos um que muito a honra. E' o magestoso e imponente edificio do Teatro Cir-



1. O arquiteto sr. João Coutinho de Almeida Eça
2. A fachada principal

destaque. A sala é elegantíssima, as pinturas ornamentais são primorosas e o palco está construído de molde a poder-se representar



O prosceno e um aspéto da sala



Peristilo da escada principal

co, que fica sendo uma das mais belas casas de espectáculos de Portugal. Nada falta no seu conjunto, inteligentemente delineado pelo distinto arquiteto sr. João Coutinho de Almeida Eça, para lhe dar um lugar de

n'ele as mais complicadas peças.

O teatro foi inaugurado pela companhia de Luiz Galhardo, da qual faz parte Palmira Bastos, a nossa primeira atriz de opereta, que recebeu ali delirantes ovacões.



O grande atrio—(Clichés do-fotografo sr. A Soucasaux)

TEATROS

Palmira Bastos

O «Eden» vestiu-se, ha dias, de galas para festejar a notavel atriz Palmira Bastos, representando-se, entre flôres e aplausos, a *Viuva Alegre*.

Palmira Bastos é hoje de todas as atrizes portuguezas a que tem mais publico — a preferida das nossas plateias, sobretudo no genero a que se tem ultimamente dedicado. Concorrem para isso muitas circunstancias — desde a linha impecavel da sua conduta, a distincção e gentileza da sua figura, até á complexidade encantadora das suas aptidões. Com intervalo, não já de dias, mas de horas, vêmol-a, de facto, representar, com a mesma frescura, a mesma espontaneidade e o mesmo talento, a alta comedia e a opera comica austriaca. Em tudo ella sabe pôr a correção perfeita do seu temperamento e a delicadeza das suas mãos finas de senhora.

Aos aplausos com que o publico festejou a sua atriz querida, juntamos as nossas sinceras homenagens.

MEXERICOS, O PÃO DE CADA DIA, QUEM DEUS LEVOU, no Teatro Nacional

O «Teatro Nacional» deu-nos na ultima semana tres *premieres*: a da comedia dos Quinteros *Puebla de las mujeres*, traduzida com pitoresco brilho pelo sr. João



A disinta atriz Palmira Bastos

Soler e a de duas peças n'um ato *Pão de cada dia* e *Quem Deus levou*—a primeira de Jules Renard, traduzida com muita correção e elegancia pelo sr. Ruy Vilas Boas e a segunda, original d'um escritor portuense, o sr. Carvalho Barbosa.

Lucinda do Carmo realisou a sua festa—e realisou-a, representando pela primeira vez a comedia dos irmãos Quintero. Grande atriz, das maiores que tem atualmente o teatro portuguez, a sua interpretação do papel de *Concha*, creado em Lisboa pela graça de Rosário Pino, foi admiravel de naturalidade, de variedade, de observação e leveza. Não se representa melhor do que essa atriz representou, com uma mais insinuante e suggestiva vivacidade.

O dialogo de Jules Renard é delicioso de ironia e a peça de Carvalho Barbosa é um ato de boa e graciosa observação.

A DUQUEZA X, no Teatro da Rua dos Condes

Uma linda voz, uma esbelta figura, um perfeito metodo de canto, já nós tinhamos podido apreciar n'esta enigmatica *duqueza X*, mesmo atravez do seu *loup* tentador. Mas agora esse *loup* negro desfez-se—e a misteriosa artista pode mostrar-nos ainda a perturbadora beleza de um lindo rosto. Um rosto conhecido? Afinal, o misterio dissipou-se—e a linda cantora pode provar-nos esta coisa discutida: que era a primeira vez que vinha a Lisboa e que, infelizmente para nós, era a primeira vez que a ouviamos. Só nos resta desejar que não seja a ultima.

A. DE C.



Duqueza X...